

A MEMORIA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e impressão, Typographia SILVA CALDAS
Rua da Rainha, 120

Responsavel
Domingos José da Silva

GUIMARÃES, DOMINGO 24 DE MARÇO DE 1901

CONVICÇÕES



Subordinando a esta epigrapha as ligeiras considerações que ella nos suggere, quasi nos appeteece dizer que hoje em dia não ha convicções, taes como ellas deveram ser, baseadas na persuasão intima.

A lei das conveniencias avassalou tudo, ou pouco menos, para transformar apparentemente o politico exaltado em *indifferente*; o homem devasso em *honesto*; o intrigista em *discreto*; o leão em *cordeiro*.

D'este modo, embora o proverbio hespanhol—ainque la mona se vista de seda mona se queda—nos apresente um grande fundo de verdade, o que mais nos convirá é confiar preferentemente nos actos dos que declaradamente são maus, porque com estes . . . não se perde no jogo, se o são criterio ajudar.

A linguagem dos factos é eloquente de mais para que ninguem duvide que o fingimento nem sempre consegue existir occulto. A cada passo se manifesta a verdade em toda a sua crueza, mas as mais das vezes depois de ter consentido que a confiança seja por largo tempo illudida.

São rarissimas as convicções, dissemos, e para justificar a affirmativa

appellaremos para a opinião dos poucos individuos que constituem a excepção á regra.

Se deparamos com o defensor ardente d'uma ideia, por mais que elle se agaste ante os seus oppositores por meios que julga convincentes, deveremos desde logo appellar para o frio da reflexão se queremos formar a seu respeito uma opinião segura.

E' a desconfiança de tudo e de todos a nortear os que procuram furtar-se ás mais graves decepções, n'uma epócha de egoismos, de aspirações estultas, de decadencia moral.

Os substantivos convicção, sinceridade, franqueza, deveriam sempre apparecer unidos para bem de todos nós. O amigo que o sabe ser desejaria tudo isto em abono da lealdade de crenças, da inteireza de character, do proprio conceito que muitas vezes é levado a fazer. Mas o vicio está de tal modo inveterado que por mais que queiramos extremar o trigo do joio não o conseguiremos em absoluto!

Vamos portanto seguindo a opinião dos velhos philosophos, sejamos previdentes e . . . uma vez em Roma digamos bem dos romanos.

Já agora ninguem viverá bem d'outro modo, uma vez que aspire ao applauso das massas e aos salamaleques dos lisongeados, com inteiro prejuizo do conceito d'aquelles que sabem pôr de quarentena taes processos.

CONFISSÃO

(EXTRACTO)

Para alguém...

Aquella que parece vir do céu,
Modelo inegalavel de belleza,
Eu consagro, medroso como um rei,
Estes versos d'amôr, e de tristeza.

Linda mulher de tranças côr de mel,
Que passeias de tarde no jardim
Com um riso ora doce, ora cruel
Em teu rosto de neve e de marfim,

Um momento depõe o rir nefasto
E vem, com piedade e com doçura,
Ouvir a confissão de um homem gasto
E bem longe, talvez, da sepultura.

Apraz-me ver o teu vestir moderno,
Em nosso velho burgo tão singelo,
Quando passas por mim, ao sol d'inverno
Que doira muito mais o teu cabello.

Gosto de ver, de olhar detidamente
Esse rosto que nunca me esqueceu,
Como alguém que analisa reverente
Uma tela de mestre num museu,

E quizera poder junto de ti
Passar vida de calma e de brandura
Ouvindo o que te agrada e te sorri,
Confessando-te o mal que me tortura.

Mas forte como sou, eu sou medroso
Como creança tímida, enfexada.
E mais temo um sorriso desdenhoso
Que um assalto, de noite, á mão armada,

Escrevo então (não vás julgar que imploro)
Aquillo que não ousou confessar-te
A ti que és o unico Deus a quem adoro,
Pois que sempre te vejo em toda a parte,

Não rimej para ti este meu throno
Nasceu-me de um desejo que não soube
Transformar-se em querer e que não coube
Dentro em meu peito por o ver pequeno.

Mas se o acaso mandar que um triste dia
A tuas mãos vá dar este papel,
Lê-me e busca entender minha agonia,
Linda mulher de tranças côr de mel.

H.

Poétas mortos

(Continuado do n.º 27)

A comedia—Coração e estomago terminou no meio de geraes e delirante applausos sendo os interpetres brinçados com magnificos bouquets de flôres artificiaes, corbailles, etc. etc.

As chamadas fôram innumeradas aos noveis actores e ao ensaiador.

O mesmo successo teve a comedia—*Rezonar sem dormir*—; mas, onde o enthusiasmo tocou as raizas do delirio foi na comedia—*Um furu vidaç*—na qual o Hylario fazia o principal papel e onde patenteou a sua grande

intelligencia e a sua extraordinaria vocação para o palco. Na plateia só se ouviu exclamações de pasmo e phrases como estas:

—Parece um actor de D. Maria! Nem o Augusto Rosa o excedia! E' admiravel de naturalidade, o rapaz! E' assombroso!

E tinham razão.

Nós ao pé d'aquelle portento scenico sentiamo-nos pequeninos, conheciamos a nossa inferioridade, estavamos litteralmente... achataados! E contudo nenhum de nós o invejou, nenhum sentia a inveja apossar-se-lhe do espirito, pelo contrario, todos o aclamamos, todos o victoriamos francamente, sinceramente. Pois não era elle tão sympathico, tão bondoso, tão querido de todos nós? E não eramos nós tambem tão leaes, tão francos e tão amigos d'elle?

Que bons tempos, esses; se fosse agora... quantas invejas, quantas intrigas, quantas bisbilhotices, quantas malquerenças e quantas inimisades!

Mas, voltando á comedia e ao Hylario, eu não posso deixar de transcrever aqui duas scenas em que elle foi admiravel e inexcedivel de graça e de naturalidade—A primeira é a scena VI passada entre elle (Sá) e o doutor:

Doutor (entrando) Então, está prompto?
Sá—Já de volta?

Doutor—Não ha tempo a perder: (*Dando-lhe uma carta*) Vá procurar este sujeito. Tem um bom logar para offerecer-lhe. Mostre-lhe a nota que lhe disse que escrevesse... Vá quanto antes. E' um banco que se vaie fundar... Se eu não tivesse clientes á minha espéra, acompanhava-o... Mas ande, não se demore! (*sac*)

Sá—(só) Um banco!... Provavelmente nomeiam-me thesoureiro... E' possivel! Thesoureiro de um banco!

(*Por detraz de uma das mezas e virado para o publico*).—Aqui estou eu a distribuir capitaes. Olé! O' vós que precisades de dinheiro, ávante! Chegae-vos para mim!

(*Fallando para a D.*) Não, srs. directores, enquanto eu fôr thesoureiro d'este banco não consentirei o monopolio que vós intentades fazer do capital. (*Voltando-se para E.*) Vinde a mim, mendigo venerando, tanta reliquia das nossas passadas guerras, propugnador das patrias liberdades!... Quereis dinheiro?... (*Atira uns poucos de papeis que estão sobre a meza*). Ah! tendes os fundos do banco. A' vontade, é tirar quanto quizerdes... e viva a divisão das riquezas! (*Voltando-se para o F.*) E vós, matrona immaculada, em cuja frente estampa o seu horrivel estigma a miseria esqualida, ávante sem medo! Acolhei-vos sob as azas da grandiosa instituição que tenho a honra de dirigir... Ávante! A miseria é um cancro social, que deve fatalmente desaparecer. O pauperismo, não nego, é uma das calamidades que laceram Portugal; mas o pauperismo ha-de terminar com o estabelecimento do banco, de cujo sou director geral!

Acabou-se o pauperismo, acabou-se a miséria!

Ouro, ouro, ouro em profusão!

(*Atira o resto da papellada para todos os lados*) Liberté, égalité et fraternité!

Como elle disse este monologo! Só ouvindo-o. No outro que vou transcrever disse-o d'uma fôrma tal que a plateia e todos nós, electrificados pela fôrça do seu talento assombroso, nos levantamos como um só homem para lhe patentear a nossa admiração, victoriando-o delirantemente! E' preciso que os meus leitores leiam, não, mas estudem conscienciosamente o monologo que passo a transcrever, para fazerem uma pequena ideia do que seria o assombroso trabalho do Hylario para que, no meio d'uma sociedade culta, primeira do Porto, se salientasse a ponto de electrificar essa mesma sociedade e, no dia seguinte ser elevado ás nuvens pelos encomios dos jornaes! Eis o monologo da

Scena XVI

Sá (*voltando apressado*)

Doutor! Doutor! Perdi o lenço e como estou constipado... (*olhando em volta*) Já aqui não está!... Mas o lenço?... (*Procura e acha-o por fim na algibeira posterior da casaca, de onde o trazia pendente*) Eil-o! Não é lá muito bonito... Vou comprar outro... e um par de luvas... Não posso apresentar-me assim em casa d'uma senhora... Que pena não ser mais nova e mais bonita... Paciencia! E' rica... Dois proveitos não cabem n'um sacco. Visto que me está vedada uma carreira publica, gosarei das doçuras do *high-lif*... Jantares, bailes, theatros, *five o'clock tea*, nada me faltará! Hei-de reunir nas minhas salas a flôr da aristocracia portugueza e estrangeira... estrangeira principalmente. E que festas... Pelo carnaval um baile de mascaradas... ceia esplendida, musica de Strauss... a casa toda illuminada a *giorno* dará ideia de um palacio encantado... E o jardim?... Grutas artificiaes, ... tapetes de flores, ... repuxos se... não houver falta de agua, ... passaros doirados cantando musica celestial... um céu aberto! Depois, depois, aqui (*Volta a meza com livros e tudo*) aqui um pavilhão phantastico para o serviço do buffete... (*Derriba outra meza e as cadeiras para marcar o sitio de cada uma das coisas que vai phantasiando*) Acolá roseiras do Japão, ... ali, a estufa. Dá meia noite... Chegam os trens... (*Imita o ruido das carruagens*) Rrrrrreeee... Os lacaios, com magnificas libras, percorrem os salões servindo refrescos (*Imita-os*). O mestre-sala, que os dirige, annuncia os convidados que vão chegando a cada instante. (*Vae ao F. e annuncia, muito empertigado*) a senhora condessa de Piahy!—(como dono da casa) O' querida condessa, quanto lhe agradeço? Que prazer... que favor!... (*annunciando*) A senhora duqueza de Montverdier!...

—Oh! Madame la duchesse, quel honneur... (*Fugindo-lhe a musa*) Les...les...les... —Milady Londongrogshop—Oh! Dear lady... I thank you very much... (*Como acima*) All righ!—Sua alteza a princeza de Marraschini —Maerconi!— (*Inclinando-se muito*)—Oh! Príncipeza, come reingraziarla? Vossa alteza dança uma valsa?... Tomo a ousadia de pedir-lh'a... Escólha vossa alteza a musica... Offenbach, Strauss, Lecocq, Arditi... Lecocq, sim? A valsa da Angot! (*Dança com uma cadeira. A orchestra toca a valsa da Angot*).

Eis o monologo, que, como veem é difficilimo e só um verdadeiro e bom actor daria cofta d'elle; pois o Hylario excedeu todos os grandes actores que haviam representado aquella comedia! Pobre Hylario, infeliz amigo! Redivivi por assim dizer a tua personalidade nas poucas phrases que ora te dediquei e nas scenas em que te patenteaste um consumado actor. A tua saudosa guitarra emmudeceu, como emmudeceu tambem o teu brilhante éstro poetico; mas o que não emmudece nunca, o que ha-de ser sempre perduravel no meu coração e no meu espirito, é a saudade infinda d'aquelle a quem chamavas irmão.

Casa d'Área.
19—3—901.

(*Continúa*)

VASCO LEÃO.

Oh! As mulheres!...

(*Continuado do n.º 27*)

O meu amigo fez uma pausa, accendeu um cigarro e, levantando uma mão para calar não sei que interrupção, talvez despropositada, que eu ia fazer, continuou:

—Mas já que te dei uma vaga ideia do que foi a sua vida até vir para aqui, para o Porto, onde se passou o drama, deixa-me fazer-te um bosquejo do que seja a sua entidade psychica e moral, deixa-me enfim tentar DESCRIVER-T'O, pintar-t'o, segundo as conclusões a que cheguei depois d'uma certa convivencia, durante a qual tentei observa-lo.

(Era um vicio do meu amigo este da observação. Elle observava cuidadosamente, conscienciosamente e quasi inconscientemente já, todas as pessoas de quem se approximava, com quem convivia e mesmo aquellas que nem sequer conhecia. Por exemplo: estavamos n'um café conversando e o João, que olhava insistentemente um individuo que entrara e pedira coisas para beber, virava-se de repente para mim e dizia-me:—Aquelle sujeito, com toda a certeza, não tem dinheiro para pagar a despeza e está pacientemente á espera d'um amigo qualquer que entre, se sente e lh'a pague...)

Bebem outro gole de cerveja e começaram:

—D'uma constituição delicada e doentia, este Ruy de Castro possui em alto grau o ta-

cto da impressionabilidade, tendo a percepção aguda e quasi dolorosa de todas as coisas da vida. Elle adivinha uma scena violenta n'uma casa onde é recebido com sorrisos em todas as boccas; sente no ar as hostilidades dos amigos: adivinha as boas ou más noticias pelo andar, pela entrada, pelo todo da pessoa que lh'as traz.

Um olhar, uma voz, um gesto, revelam-lhe, dizem-lhe a elle o que escondem a todo o mundo.

Sobre tudo *as coisas*, que tão pouca influencia exercem sobre a maior parte, ferem d'uma maneira excessiva a sua forte impressionabilidade.

Uma mobilia é para elle um amigo ou um inimigo, assim como não pode beber cerveja senão por copos afunilados e finos.

Esta excessiva sensibilidade nervosa, este abalo constante das impressões, na maior parte desagradaveis chocando a mudo as suas delicadezas intimas, fizeram d'elle um melancolico.

E na sua melancolia elle refugiou-se na litteratura, com um amor cheio de fô, todo ellé dedicação. Entregou-se ás letras com todas as suas forças, com toda a febre da sua natureza ardente e ellasão hoje, apesar de tudo, toda a sua vida, todo o seu coração, a sua unica esperanza.

Tem talento mas falta-lhe energia, esta energia sempre acordada e sempre forte. O seu talento nervoso, original na observação, sempre artistico mas desigual, cheio de sobresaltos, é incapaz de attingir a pureza de linhas, a saude e a força das obras grandes, verdadeiramente bellas.

Porto.

(Continúa)

CASTRO LOPES,

O passado

Já pus a minha fé, a minha gloria
Em vos servir, senhora, firmemente;
E alcancei, por premio da victoria,
Viver a vida inteira descontente...

E se, na vida breve e transitoria,
Nada nos é fiel, tudo nos mente,
Porque basear na minha senda ingloria
O vosso amor, senhora, eternamente?!

Porque basear a antiga confiança
Que me fazia, á beira do caminho,
Chorar, como só chora uma criança!...

Ah, se o vosso rigor tudo mudou,
Meu coração, ao solucar baixinho,
Ha de olhar com saudade o que passou...

Coimbra, 17-II-901.

JOAQUIM COSCA.

JUNTO AO TUMULO DE AFFONSO HENRIQUES

Passaram-se dias e passaram-se mezes.
Pesava-me, no espirito, o mau humor do rei, a ironia das respostas e, mormente, o desprendimento do mundo, a indifferença por coisas de Portugal,

—«Portugal foi, Portugal não é.»

Que, no fundo, eu dava razão ao batalhador de Ourique, entremettes a realidade do Espiritismo, esse novo modo de vida, me ganhava fóros no pensamento. E todas as vezes que leio os diarios, que, eu o confesso, não são muitos em causa de razões economicas, pois dez mais dez sommam vinte e vinte é, nem mais nem menos, o preço d'un vicio, já me não espantam as degenerescencias politicas, nem as saudices trapacentas.

Hoje, tendo acabado de jantar, subi ao meu quarto, accendi um cigarro, assentei-me á banca e larguei a devanear, seguindo as espiraes pardas do fumo. Lembrei-me de Affonso, do querido Affonso de remotas eras.

A chave caía a bom cair. Um cou pesado de inverno, que mais aviva, que mais concentra a nostalgia, que me domina e que, ao certo, vem a dar commigo num aprazível lugar, onde se descansa a onde se está bem, sob uma lousa, em cujos caracteres negros ninguem meditará.

Affonso Henriques atravessa a historia num lampejo de heroicidade. Submisso quando vencido, indomavel, denodado quando vencedor ou guerreante. Ora era um humilde que accetava todas as condicções, as más degradantes e as más servis, ora um altivo, que menos prezava direitos, sentimentos e deveres. Tinha um fito—seguia direito, calcando tudo, lança em punho, esbofeteando, matando. Não era um fidalgo era um soldado, valente e ignorante. Lá o diz Oliveira Martins —«Ubiquo militarmente, era nos negocios um profeta»—e Oliveira Martins é um mestre e foi um pensador. Portugal deveu a sua separação á sua exiguidade e ao seu ócnodo, ao seu guerrilhar e á sua perfidia. Um bandido que fez o qua bandido algum é capaz de fazer.

E, por essa divagação historica, em que os factos se encaixavam aos factos, numa rapidez electrica, numa concatenação pinturesca, eu fui adormecendo, acalentado pelo ruido da chuva e satisfeito, cigarro acceso, por campos de batalha. Sentia-me valente, guerreiro, pacatamente recostado na minha cadeira, embugado na minha capa.

Adormeci completamente,

Um valente safanão me despertou.

Olhei ao doredor, espantado, a mão a fugir-me com a resposta. Fitando-me risinho, destemido, Affonso Henriques cortejava-me.

—«Ent mees isto é hora de repouso fradesco, cobarde.»

—«Mas, Real Senhor, é vespera de feriado.»

— «Oh! perro desalmado só o estudo disciplinar te obriga. Nada se'não o direito? Esses livros para que servem, jogral?»

Lembrei-me então da chuva. Mas o rei vinha resguardado—uma capa de borracha, galochas, guarda-chuva.

Affonso Henriques de galochas!

— «Mas n que devo eu, vassalo, submisso, tanta e tal honra?»

— «Palestremos. Então nem um tamborete?»

— «Abi tem Vossa Magestade essa mala».

— «Não, ali, na cama, não é peor sophã».

Puxei pela cigarreira.

— «Vossa Magestade, por certo, não fuma».

— «Eu hoje fumo. E deve ser mesmo bastante agradável palestrar, fumando».

Causava-me uma impressão estranha o espiralar do fumo, que, El-Rei, deliciado, soltava por entre a caveira negra. Desatou então a fallar num tom cavo mas animado, monico.

— «Sabes a que vim, donzel sem valia, bobo sem graça?»

— «Ignoro-o, Real Senhor.»

— «A conversar das *pedras sanctas* da tua terra. Pasmas? Eu me explico. Nos meus tempos, as pedras da Via-Maris serviam de armas offensivas, e, em verdade, eram umas valentes armas. Arremessadas, com mão certa, aos perros inimigos da fé e da minha independencia, produziam desbarato. Passaram-se annos, passaram-se seculos, muitos annos e muitos seculos. Guimarães sorriu no deslumbramento de um progresso *sui generis*, progresso de petroleo, progresso de queijos. As pedras, as historicas pedras, são vomitadas contra o povo amotinado e sanctificam-se, as pedras, as lendarias pedras são, em noites luarentas, atiradas, por ebrios farraposos, contra a minha estatua, que é um monumento e um pasto. E as pedras passam a regicidas. Ah! Ah!

— «Todavia, Regio Magnate...»

Truz, truz, truz!

— «Quem é?»

— «Senhor dr. é o barbeiro. Se V. Ex.^a pudesse pagar esta continha...»

Olhei—Affonso Henriques desaparecera.

Cóimbra, 18—3—1901.

(Continúa)

E. D'A. J.

O PADRE GOJA

Era dia de S. José, padroeiro da Igreja Catholica.

Pacatos burguezes liam as noticias d'esse movimento que vae pelo paiz fóra contra as congregações religiosas e contra a Religião augusta do crucificado.

Operarios envergavam os seus fatos domingueiros e ou passavam, procurando retemperar as suas forças com o ar puro dos campos, ou dirigiam-se aos templos a prestar as suas homenagens sinceras e simples ao

bom operario de Nazareth—José da Galilêa—o casto esposo de Maria Virgem e pae putativo de Jesus Christo.

Guimarães estava em paz e em festa. Mas a paz tornou-se em desordem e a festa em revolução de rua.

Pelas 3 horas da tarde na praça de D. Affonso Henriques, ali mesmo junto da estatua do grande vimaranense, que foi rei christão e conquistador emerito, um homem, que por felicidade nossa não é filho d'esta boa terra, dirigia-se apoplectico, em voz alta e gesto largo, á turba que o rodeiava.

Jornalista, e por isso observador por officio, fui de perto observar o espectáculo.

Tristissimo espectáculo!

O snr. Manoel Duarte Goja, parcho de S. Sebastião, dava satisfações aos que o rodeiavam, procurando assim justificar mais uma das suas arbitrariedades, em quanto além, junto da igreja de S. Damazo, o povo, que é crente, que é bom, que é sincero, amaldiçoava o *pastor transformado em lobo com entranhas de panthera!*

Quem não o conhecesse e o ouvisse fallar nos seus direitos diria que o snr. Goja era victima das prepotencias dos mezarios, que promoviam a festa.

Mas quem, como eu, conhece aquelle homem, de cuja integridade intellectual muito duvido, quem, como eu, sabe o que elle tem sido em todas as partes por onde tem passado—um tyrannete vaidoso, um intransigente incorrigivel, um pôço de orgulho, um padre sem caridade, um parcho sem zelo, um homem intractavel—punha, como eu puz, de quarentena as suas queixas e averiguava da veracidade do facto, que produziu tão grande tumulto.

Foi o que eu fiz. Eis o que indaguei e que é a expressão da verdade:

A meza da irmandade de S. José, erecta na igreja de S. Damazo, realisava n'aquelle dia, em cumprimento do seu estatuto, a solemnidade em honra do seu padroeiro. De manhã houve missa cantada pelo cura José Ferreira Leite. No fim d'este acto, foi perguntado a este ecclesiastico qual a hora a que devia principiar a festa de tarde, que constaria de sermão e Te-Deum. S. rev. marcou as 3 horas. Não é costume em Guimarães fazerem-se festas a tal hora, e como n'aquelle dia não havia lauspennie em nenhuma outra igreja, os mezarios declararam que a festa devia principiar ás 5 horas da tarde, para conveniencia dos fieis e para maior esplendor do culto. Alguns ecclesiasticos presentes e nomeadamente o revd.^o Manoel Custodio de Souza Gonçalves, fizeram vêr a inconveniencia d'aquelle hora ao snr. cura, que por fim concordou que se tocassem os sinos ás 4 e meia para a festa principiar ás 5 horas da tarde.

O snr. Goja, porém, é que não concordou. Trovejando a sua phrase dilecta: *Quem manda sou eu*—vem por ali acima, acolytado pelo seu digno cura, vae a casa do padre Manoel Gonçalves arrancar-o ao seu *dulce far niente*, en-

tra na igreja de S. Damazo, toma os paramentos, não se importa de thuribulo, nem de incenso, nem de velas; canta muito á pressa o *Genitori*, dá uma benção á caçador, recolhe a Santissima Eucharistia no sacrario, despe os paramentos sagrados, que arremessa ao chão e saca por entre apupos, arruaças e palavras de indignação que os fieis attonitos e escandalizados lhe dirigiam, da casa do Senhor, que se transformou em praça de peixe !!!

E quem foi o culpado?

O povo?

Não. O povo de Guimarães é ordeiro, é submisso, é crente.

Tem havido ahí milhares de festividades religiosas nas outras freguezias da cidade e das aldeias e nunca se deu um facto que com este se parecesse!

O culpado, o unico (o unico?) culpado é o sr. Goja.

Aquelle parenthesis está ali, porque muitos dizem que as imprudencias do actual parochó de S. Sebastião são suggestionadas pela inexperiencia e imbecilidade do seu joven mentor e pela brandura de quem podia e devia reprimir as ferocidades do immortal filho de Frossos.

Póde muita gente julgar que o sr. Goja é tambem um *jesuita* victima dos modernos jacobinos...

Engana-se quem assim pensar.

A meza da irmandade de S. José e todos os que protestaram contra o procedimento do sr. Goja são christãos, são homens de ordem e de crença e que por isso mesmo se revoltam contra estes factos que são tão pouco edificantes e tão contrarios ao espirito da Religião que professam.

Poderá isto continuar assim?

Não pode nem deve.

E' preciso que o sr. arcepreste informe o sr. arcebispo primaz do estado catolico em que se encontra a freguezia de S. Sebastião de Guimarães.

E' preciso que o clero d'esta cidade faça ver a s. ex.^a a inconveniencia de continuar aqui, como parochó, o sr. Manoel Duarte Goja.

E' preciso que a freguezia represente ao prelado fazendo-lhe ver a sua incompatibilidade com o parochó.

E' preciso que o sr. arcebispo primaz tome providencias mergicas, terminando por uma vez com este estado de cousas.

Mais tarde... será tarde!...

JUCA.

CHRONICA DE COIMBRA

Um passeio a Lavos

Aproveitando a demóra do Alberto, sentamo-nos em cima d'umas pedras que para ali estavam amontoadas e estendemos a vista até á *Serra da Boa Viagem*, nos pés da qual, sobre as tremulantes aguas do Mondego, se desenhava a casaria branca da formosa Figueira.

O Carneiro sentia-se poeta! Elle proprio o dizia, e não sem razão. O dia estava lindissimo, e era deverias encantadora a espaçosa paisagem que estavamos contemplando!

—«O Alfredo! elucida-me: Quem é esta galantesinha?» acotovclou-me o Carneiro, deixando de parte as musas e apontando-me uma garbosa rapariga que um magro jumento levava, á *amazona*, em cima da sua grande albarda.

A galantesinha sorriu e incitou o animal a caminhar mais depressa, o que não conseguiu, em virtude d'essa qualidade que caracteriza os individuos d'aquella especie zoológica—a *teimosia*.

E o burrinho lá ia seguindo estrada abaixo sem alterar o seu methodico passo, enquanto que nós continuavamos, estrada acima, alegres, expansivos... a caminho da Igreja.

Cinco minutos... e de cabeças descobertas, entravamos reverentes na tão magestosa quão antiga Igreja de Lavos. A Missa já tinha acabado, e apenas algumas mulheres rezavam ainda, de joelhos.

Perto do altár-mór ajoelhamos e, deixando por momentos as idéas terrenas, elevamos o nosso pensamento até ao Altissimo, após o que nos levantamos passando rapidamente os olhos em observação por todo o interior d'aquella velha Igreja, desde as rendilhadas columnas dos altares ás singellas e coloridas imagens dos Santos, do tecto curiosamente pintado ao monotono e sombrio côro.

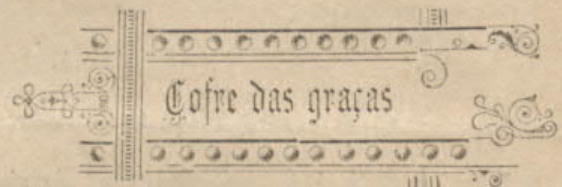
Entramos em seguida na pequena sacristia, onde tivemos o prazer de cumprimentar o Rev. Sur. P. Moura, Prior da freguezia de Lavos o meu antigo conhecido e amigo, que depois de nos significar a sua grande satisfação pela nossa visita, nos convidou... (não foi... a provarmos uma pinga do seu Alto Douro)—a visitar-mos tambem o cemitario da freguezia, que fica junto da Igreja. Lá fomos e admiramos o bello sitio em que se encontra.

Saimos d'aquelle triste logar e paramos cá fóra, no largo, á sombra de uma pequena casa.

(Continuarci).

Coimbra 21—3—1901.

FERALDO FLAVIO.



Fazem annos as ex.^{mas} sr.^{as}:

Dia 26—D. Maria Barbosa de Sousa.

Dia 29—D. Margarida Fernandes Braga.

» » —D. Julia Fernandes Leite da Silva.

» » —D. Anna dos Anjos Fernandes Vianna.

E o ex.^{mo} sr.:

Dia 29 — Alfredo Lopes de Mattos Chaves.

Notas intimas

Esteve n'esta cidade, onde veio passar alguns dias na companhia de seus estremos paes, a ex.^{ma} sr.^a D. Rita Ribeiro, retirando-se, na passada quinta-feira para Barcellos, acompanhada de seu marido o sr. Dr. Moura Machado.

—Tivemos ja o prazer de abraçar, quasi completamente restabelecido dos seus incommodos, o digno commissario da V. O. T. de S. Francisco, sr. Padre Gaspar Roriz.

Tambem está convalescente, da grave doença que tem soffrido o sr. Alfredo Pereira, proprietario da Loja do Porto.

Casos e Occurrencias**JARDIM PUBLICO**

A banda regimental executará hoje, se o tempo o permittir, da 1 ás 3 horas da tarde, o programma seguinte:

Primeira parte

Hymno Nacional.
Amor de mulher—Mazurka—Nicolan.
Banditem Striche—Overture—Suppé.
Les Caresses du Printemps e Schotis—Calvini.

Segunda parte

Tentadora—Walsa—Vasco Leão.
Aria de soprano da Opera Norma—Belline.
Quarto de Hora—Polka—Moraes.
O Convalescente—Ordinario—Pina.

Inauguração

Amanhã, 25 do corrente, deve realizar-se a inauguração da Associação de Classe dos Operarios—curtidores e serradores de Guimarães, havendo, alem de outras demonstrações de regosijo, missa, beação da nova bandeira, e sessão solemne.

A Memoria

Por falta de espaço não inserimos hoje a lista dos domativos, que tem sido offerecidos á Sociedade Martins Sarmiento, o que faremos no proximo numero; e, por equal razão, tambem não publicamos alguns artigos que recebemos, pedindo desculpa aos seus auctores.

Noticias militares

Já regressou de Braga o ex.^{mo} coronel d'infanteria n.º 20, Antonio Eduardo Alves de Noronha, que assumiu o commando do regimento e o commando militar d'esta cidade

Hoje, na procissão de Passos, encorporar-se-ha toda a força disponível do 1.º batalhão d'infanteria n.º 20 e a banda de musica do mesmo regimento, bem como o destacamento de cavallaria n.º 6, estacionado n'esta cidade.

COMMUNICADO**AO PUBLICO**

O abaixo assignado representante e proprietario da Loja do Porto, situada ao Campo do Toural, vem por

este meio prevenir a sua numerosa clientella e o publico em geral de que é absolutamente falso e insidioso o boato que «alguem» lançou no espirito vimaranense de que se auzentava em breve d'esta cidade, retirando o negocio.

Esta mentira e muitas outras d'equal quilate vilmente urdidadas nas trevas e durante a minha doença, facilmente deixa prevêr que esse «alguem» teve em vista retirar-me o credito e o conceito que me dedicam os numerosos clientes, os seus favores e sua confiança, com o fim unico de «ganancias» pouco louvaveis.

Posto isto, e desvanecido assim o criminozo boato, resta-me a consolação de continuar a merecer a sympathia de todas as pessoas que procurarem a minha caza, onde farei todo o possivel e quanto em mim couber para bem os servir.

Guimarães, 24 de Março de 1901.
Alfredo Fernandes Pereira.

A MEMORIA**Preço da assignatura**

Cada trimestre (sem estampilha)...	300
» » (com estampilha)...	350
Numero avulso	50
Annuncios, reclames communicados na 6. ^a , 7. ^a e 8. ^a paginas, linha....	40

ANNUNCIOS

JOAQUIM LOPES DE OLIVEIRA
ADVOGADO E NOTARIO
COM ESCRIPTORIO

NA

Praça Martins Sarmiento,
(largo do Carmo) 55.

Aos photographos e amadores
Chapas photographicas

POMADA MARAVILHOSA

Cura chagas de qualquer especie; remette-se pelo correio em caixas de 500 reis e porções de 250 e 120 réis.

Devidando do bom resultado, pôde pedir-se, que será gratuitamente remettida, uma pequena amostra para experiencia.

Deposito drogaria Cunha Mendes, rua da Rainha, 33.

ARMAZEM DE VINHOS

DE
RODRIGUES PINHO & C.^a

Villa Nova de Gaya

DEPOSITARIO EM GUIMARÃES

Albano Pires de Sousa
120—RUA DA RAINHA—122

Vinhos garantidos

(Preço sem garrafa)

Vinho Sande, garrafa (*)	100
» Meza	200
» Sol	250
» Falerno	300
» Legitimo Secco	300
» Moscatel	400
» D. Luiz	500
» Generoso	800
» Branco Generoso	140
» " Reserva	18400

(*) Este vinho escrupulosamente escolhido e engarrafado, é sem duvida o mais nutritivo e saudavel de todos que até hoje tem sido expostos á venda, podendo ser analisado por quem assim o entender, para se convencer da sua pureza e excellent qualidade, por que respondemos.

N'este deposito fazem-se bons descontos aos srs. revendedores.

TYPOGRAPHIA

DE

ALBANO PIRES DE SOUSA
ANTIGA SILVA CALDAS

120—Rua da Rainha—122—Guimarães

Impressão de bilhetes de visita desde 120 reis o cento; circulares, facturas, mapas, memorandums, acções, cheques, envelopes timbrados e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, administrações de concelho, repartições de fazenda, juntas de parochia, irmandades e cartorios; rotulos para pharmacia e para vinho; cartas funebres; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos e diplomas para associações.

Trabalhos typographicos em todos os generos, desde o mais pequeno ao maior formato.

Preços de todas as obras sem competencia.

Carimbos de borracha, metal e madeira.